

GILLIAN FLYNN

OBJETOS CORTANTES

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



CAPÍTULO

1

A minha camisola era nova e feia, de um vermelho ber-rante. Estávamos a 12 de maio, mas a temperatura tinha bai-xado a pique para cerca de cinco graus e, depois de passar quatro dias a tiritar em mangas de camisa, arranjei um agasa-lho numa venda de garagem, em vez de revolver a roupa de inverno guardada em caixas. Primavera em Chicago.

Estava sentada no meu cubículo coberto de juta, a olhar para o ecrã do computador. O meu artigo para aquele dia era sobre uma crueldade um tanto ou quanto desconchavada. Qua-tro miúdos, com idades entre os dois e os seis anos, tinham sido encontrados trancados num quarto na zona sul, com duas sanduíches de atum e uma garrafa de leite. Estavam ali há três dias, agitando-se como galinhas sobre a comida e as fezes no tapete. A mãe tinha saído para fumar uma cachim-bada e pura e simplesmente tinha-se esquecido deles. Às vezes é o que acontece. Não há queimaduras de cigarros nem ossos partidos. Apenas um deslize irremediável. Eu tinha visto a mãe depois de ela ser presa: Tammy Davis, vinte e dois anos, loura e gorda, com *rouge* cor-de-rosa nas maçãs do rosto aplicado em dois círculos perfeitos do tamanho de copos de *shot*. Conse-guia imaginá-la sentada num sofá desconjuntado, com os lábios no metal, uma baforada vigorosa. Depois, tudo começava a flutuar rapidamente, os filhos ficavam para trás enquanto ela

regressava ao liceu, quando os rapazes ainda andavam de olho nela, a mais bonita de todas, uma rapariga de treze anos com os lábios brilhantes que trincava paus de canela antes de beijar.

Uma barriga. Um cheiro. Cigarros e café requeentado. O meu editor, o estimado e cansado Frank Curry, a balouçar nos seus *Hush Puppies* com o couro estalado. Tinha os dentes impregnados de saliva castanha do tabaco.

— Como é que vai o artigo, miúda? — Havia um pionés prateado em cima da minha secretária, com a ponta virada para cima. Ele empurrou-o ao de leve sob a unha amarelecida do polegar.

— Está quase pronto. — Eu tinha oito centímetros de texto. Precisava de vinte e cinco.

— Ótimo. Dá cabo da gaja, entrega o artigo e vem ao meu gabinete.

— Posso ir agora.

— Dá cabo da gaja, entrega o artigo e vem ao meu gabinete.

— Está bem. Dez minutos. — Eu queria o meu pionés de volta.

Ele preparou-se para sair do meu cubículo. A gravata balouçava junto às virilhas.

— Preaker?

— Sim, Curry?

— Dá cabo da gaja.

Frank Curry acha que eu sou demasiado branda. Talvez por ser mulher. Talvez por ser demasiado branda...

O gabinete de Curry fica no terceiro andar. Tenho a certeza de que ele fica completamente em pânico sempre que olha pela janela e vê o tronco de uma árvore. Os bons editores não veem a casca da árvore; veem folhas, se é que

conseguem sequer vislumbrá-las a partir do vigésimo ou trigésimo andar. Mas o *Daily Post*, o quarto maior jornal de Chicago, relegado para os subúrbios, tem muito espaço para se espraiar. Três pisos chegam perfeitamente, pois vão-se alastrando implacavelmente pelo terreno como líquido deramado, passando despercebidos entre os revendedores de tapetes e lojas de candeeiros. Foi um empreiteiro que deu corpo à nossa urbanização ao longo de três anos bem organizados — 1961-64 — e depois batizou-a com o nome da filha, que tinha sofrido um grave acidente de equitação um mês antes de a obra estar concluída. Aurora Springs, ordenou ele, parando para tirar uma fotografia junto à placa novinha em folha. Depois, pegou na família e foi-se embora. A filha, que tem agora cinquenta e tal anos e está bem de saúde, tirando um formigueiro esporádico nos braços, vive na Florida e volta de poucos em poucos anos para tirar uma fotografia junto à placa com o seu nome, tal como o pai.

Escrevi essa história por altura da sua última visita. Curry detestou-a, como detesta aliás a maior parte dos artigos sobre as trivialidades da vida real. Apanhou uma piela com *Chambord* enquanto a lia e saiu do gabinete a cheirar a framboesas. Curry embebedou-se sem grande alarido, mas com muita frequência. Mas não é essa a razão para ele ter uma vista tão íntima do solo. É apenas puro azar.

Entrei e fechei a porta do gabinete, que não é propriamente como eu imaginava que seria o gabinete do meu editor. Ansiava por grandes painéis de carvalho e um vidro na porta — a dizer «Chefe» — para os jornalistas novatos poderem ver-nos a discutir os direitos da Primeira Emenda. O gabinete de Curry é incaracterístico e institucional, como o resto do edifício. Ali, tanto se podia falar de jornalismo como fazer um teste de Papanicolau. Ninguém queria saber.

— Fala-me sobre Wind Gap — disse Curry, com a ponta de uma esferográfica encostada ao queixo grisalho. Eu podia imaginar o pontinho azul que ia ficar entre a barba por fazer.

— Fica mesmo no fundo do Missouri, no calcanhar da bota. A dois passos do Tennessee e do Arkansas — disse eu, tentando reunir o maior número de factos. Curry adorava espremer os repórteres sobre qualquer tema que considerasse pertinente: o número de homicídios em Chicago no ano anterior, a demografia do condado de Cook ou, por alguma razão, a história da minha terra natal, um assunto que eu preferia evitar. — Já existia antes da Guerra Civil — prossegui. — Fica perto do Mississippi, por isso foi em tempos uma cidade portuária. Hoje em dia, a sua atividade mais importante é o abate de porcos. Tem cerca de dois mil habitantes. Famílias ricas e ralé.

— De qual das duas és?

— Sou da ralé. De uma família rica — disse eu, sorrindo. Ele franziu o sobrolho.

— E que raio anda a acontecer por lá?

Fiquei sentada em silêncio, enquanto catalogava vários desastres que pudessem ter atingido Wind Gap. É uma dessas cidades malfadadas propensas à desgraça: uma colisão de autocarros ou um ciclone. Uma explosão no silo ou uma criança que caiu a um poço. Também estava um bocadinho amuada. Estava esperançada — como sempre acontece quando Curry me chama ao gabinete — que ele me fosse dar os parabéns por um artigo recente, promover-me ou mesmo, que diabo, passar-me para as mãos um papelinho onde tivesse rabiscado um aumento de um por cento, mas não estava preparada para conversar sobre o que se passava atualmente em Wind Gap.

— A tua mãe ainda mora lá, certo, Preaker?

— Mãe. Padrasto. — Uma meia-irmã que tinha nascido quando eu estava na faculdade e cuja existência era tão irreal

para mim que me esquecia frequentemente do seu nome. Amma. E Marian, claro, que já não estava entre nós.

— Bem, mas tu falas com eles, porra?

Não desde o Natal: um telefonema frio e cortês depois de emborcar três *bourbons*. Estava com medo de que a minha mãe sentisse o cheiro da bebida pela linha telefónica.

— Ultimamente, não.

— Santo Deus, Preaker, vê se lê de vez em quando as notícias que as agências nos mandam! Parece que houve um homicídio no passado mês de agosto. Uma miúda estrangulada?

Acenei com a cabeça como se soubesse. Estava a mentir. A minha mãe era a única pessoa em Wind Gap com quem tinha ligação, ainda que limitada, e ela não tinha falado em nada. Curioso.

— Agora, desapareceu outra. Parece-me que pode muito bem ser um assassino em série. Vai até lá e traz-me a história. Vai depressa. Quero que lá estejas amanhã de manhã.

Nem pensar.

— Nós temos histórias de horror aqui, Curry.

— Sim, e também temos três jornais concorrentes com o dobro do pessoal e do dinheiro. — Passou a mão pelo cabelo, que caía em mechas revoltas. — Estou farto de ficar à margem das notícias. Esta é a nossa oportunidade de conseguir um furo jornalístico. E dos grandes!

Curry acredita que, com o artigo certo, podemos tornar-nos de um dia para o outro o jornal favorito de Chicago e ganhar credibilidade nacional. No ano passado, outro jornal, não o nosso, enviou um jornalista à sua terra natal, algures no Texas, depois de um grupo de adolescentes se ter afogado nas cheias da primavera. Ele escreveu um artigo elegíaco, mas bem feito, sobre a natureza da água e do pesar, cobrindo tudo, desde a equipa de basquetebol juvenil, que perdeu os

seus três melhores jogadores, até à agência funerária local, que não tinha qualquer experiência em preparar cadáveres de afogados. A história ganhou um Pulitzer.

Mesmo assim, eu não queria ir. De tal forma que me tinha agarrado aos braços da cadeira, como se Curry pudesse tentar pôr-me dali para fora. Ele ficou sentado a olhar para mim com os seus olhos lacrimosos cor de avelã. Pigarreou, olhou para a fotografia da esposa e sorriu como se fosse um médico prestes a dar más notícias.

Curry adorava berrar — adequava-se à imagem que tinha de editor da velha guarda —, mas também era uma das pessoas mais decentes que eu conhecia.

— Olha, miúda, se não és capaz de fazer isso, não és e pronto. Mas eu acho que podia ser bom para ti. Tirar algumas coisas cá para fora. Ajudar-te a recuperar. É uma história muito boa e nós precisamos disso. Tu precisas disso.

Curry sempre me apoiara. Achava que eu ia ser a sua melhor repórter, dizia que eu tinha uma cabeça surpreendente. Nos meus dois anos de trabalho, ficara sempre aquém das expectativas. Às vezes, de forma flagrante. Agora, conseguia senti-lo do outro lado da secretária a incitar-me a confiar um pouco nele. Acenei com a cabeça, tentando parecer confiante.

— Vou fazer as malas. — As minhas mãos deixaram marcas de suor na cadeira.

Não tinha animais de estimação com que me preocupar nem plantas para deixar aos cuidados de uma vizinha. Enfiiei roupa suficiente para cinco dias numa mochila, animada apenas pela certeza de que estaria fora de Wind Gap antes do final da semana. Enquanto dava uma última olhadela à minha casa, esta revelou-se-me de repente. O apartamento

parecia o de uma universitária: barato, transitório e sem o mínimo de inspiração. Prometi a mim mesma que ia investir num sofá decente quando voltasse, como recompensa pela história fantástica que tinha a certeza de ir desencantar.

Na mesa junto à porta, havia uma fotografia minha de pré-adolescente a segurar Marian com cerca de sete anos. Estamos ambas a rir. Ela tem os olhos arregalados de surpresa, eu tenho os meus fechados com força. Estou a apertá-la contra mim e as suas pernas curtas e magras balouçam sobre os meus joelhos. Não me consigo lembrar da ocasião nem de que é que estávamos a rir. Com o passar dos anos, tornou-se um agradável mistério. Acho que gosto de não saber.

Eu tomo banho na banheira. Nada de duches. Não me dou bem com o chuveiro, deixa-me a pele a zumbir, como se alguém tivesse ligado um interruptor. Por isso, pus uma toalhinha fina de motel por cima da grade, no chão da cabina, virei a cabeça do chuveiro para a parede e sentei-me nos poucos centímetros de água que se acumularam. Havia um pelo público de outra pessoa a flutuar.

Saí. Não havia uma segunda toalha, por isso corri para a cama e enxuguei-me com o cobertor barato e mole. A seguir, bebi *bourbon* quente e amaldiçoei a máquina de gelo.

Wind Gap fica a cerca de onze horas para sul de Chicago. Curry tinha feito a gentileza de me dar ajudas de custo suficientes para passar uma noite no motel e tomar o pequeno-almoço de manhã, se o fizesse numa estação de serviço. Mas quando chegasse ao destino, ia ficar em casa da minha mãe. Ele decidira isso por mim. Eu já sabia a reação que me esperava quando lhe aparecesse à porta. Uma desorientação rápida e chocada, a mão levada ao cabelo, um abraço desajeitado que

me deixaria ligeiramente inclinada para um dos lados. A conversa sobre a casa estar desarrumada, que não estava. A pergunta sobre a duração da estadia envolta em delicadeza.

«Quanto tempo podemos contar com a tua companhia, minha querida?», diria ela. O que significava. «Quando é que te vais embora?»

É essa delicadeza que mais me perturba.

Eu sabia que devia preparar as minhas anotações, apontar as perguntas. Em vez disso, bebi mais *bourbon*, depois tomei uma aspirina e desliguei a luz. Embalada pelo ruído surdo do ar condicionado e pelos sons de um videojogo no quarto ao lado, adormeci. Estava a apenas cinquenta quilómetros da minha terra natal, mas precisava de uma última noite longe dela.

De manhã, devorei um *donut* velho com geleia e rumei a sul, com a temperatura a aumentar rapidamente e a floresta luxuriante a erguer-se de ambos os lados. Esta parte do Missouri é sinistramente plana — quilómetros de árvores pouco majestosas interrompidos apenas pela faixa estreita da estrada em que eu seguia. A mesma cena a repetir-se a cada dois minutos.

Não se consegue avistar Wind Gap de longe; o seu prédio mais alto tem apenas três andares. Mas depois de vinte minutos a conduzir, sabia que estava a chegar: primeiro, apareceu uma bomba de gasolina. Havia um grupo de adolescentes escanzelados sentados à frente dela, de tronco nu e aborrecidos. Junto a uma velha carrinha de caixa aberta, uma criança de fraldas atirava punhados de gravilha ao ar, enquanto a mãe enchia o depósito. A mulher tinha o cabelo pintado de louro, mas as raízes castanhas chegavam-lhe quase às orelhas. Gritou qualquer coisa para os rapazes que eu não consegui perceber ao passar. Pouco depois, a floresta começou a rarear. Passei por

um arremedo de centro comercial, com solário, uma loja de armas e outra de tecidos. A seguir, veio um beco solitário com casas velhas, que eram para fazer parte de uma urbanização que nunca aconteceu. E por fim a cidade propriamente dita.

Sem saber porquê, sustive a respiração ao passar pela placa que me dava as boas-vindas a Wind Gap, como os miúdos costumam fazer quando passam de carro junto a cemitérios. Já fazia oito anos desde a última vez que lá voltara, mas a paisagem era visceral. Descendo aquela rua, ia encontrar a casa da minha professora de piano da primária, uma antiga freira cujo hálito cheirava a ovo. Aquele caminho levava a um parque minúsculo onde fumei o meu primeiro cigarro num dia quente de verão. Seguindo por aquela avenida, ia direita a Woodberry e ao hospital.

Decidi ir diretamente à esquadra da polícia. Ficava numa ponta da Main Street, a rua principal de Wind Gap. Na Main Street, podemos encontrar um salão de beleza e uma loja de ferragens, uma loja de quinquilharias e uma biblioteca com espaço para doze estantes. Também podemos encontrar uma loja de roupa chamada Candy's Casuals, onde é possível comprar pulôveres, camisolas de gola alta e casacos de lã com desenhos de patos e escolas. A maior parte das mulheres simpáticas em Wind Gap são professoras, ou mães, ou trabalham em lugares como a Candy's Casuals. Dentro de alguns anos, é provável que encontremos um Starbucks, que trará à cidade aquilo por que ela tanto anseia: modernidade pré-embalada e pré-aprovada. Mas, por agora, só há um restaurante barato, gerido por uma família de cujo nome não me consigo lembrar.

A Main Street estava deserta. Não havia carros nem pessoas.

Havia um cão a correr pelo passeio sem um dono a chamar por ele. Todos os postes de iluminação tinham uma fita amarela e a fotocópia da fotografia com grão de uma menina.

Estacionei e arranquei um dos avisos, colado de través num sinal de Stop, à altura de uma criança. Era feito à mão, com a palavra «Desaparecida» escrita na parte de cima em letras bem gordas, que podiam ter sido preenchidas a marcador. A foto mostrava uma rapariga de olhos escuros com um sorriso rebelde e uma cabeleira demasiado farta para a cabeça. O tipo de rapariga que seria descrita pelos professores como «difícil». Gostei dela.

Natalie Jane Keene

Idade: 10

Desaparecida desde 11/05

Vista pela última vez em Jacob J. Garrett Park, vestindo calções de ganga azul e *t-shirt* às riscas vermelhas

Informações: 555-7377

Esperava entrar na esquadra e ser informada de que Natalie Jane já tinha sido encontrada. Incólume. Aparentemente, ter-se-ia perdido ou torcido um tornozelo na floresta, ou fugido e depois pensado melhor. Nesse caso, metia-me no carro e voltava para Chicago sem falar com ninguém.

Acontece que as ruas estavam desertas porque metade da cidade andava a fazer buscas na parte norte da floresta. A rececionista da esquadra disse-me que eu podia esperar — o chefe Bill Vickery já não devia demorar muito a voltar para o almoço. A sala de espera tinha o ambiente falsamente acolhedor de um consultório de dentista; sentei-me numa cadeira cor de laranja e folhee uma revista *Redbook*. Um ambientador ligado a uma tomada próxima expelia um cheiro a plástico que devia evocar brisas campestres. Passados trinta minutos, já tinha visto três revistas e começava a sentir-me maldisposta com o cheiro. Quando Vickery chegou, finalmente,

a rececionista acenou com a cabeça na minha direção e sussurrou com manifesto desdém:

— Imprensa.

Vickery, um tipo esguio de cinquenta e poucos anos, já trazia a farda toda transpirada. Tinha a camisa colada ao corpo e as calças franzidas atrás, onde devia haver um rabo.

— Imprensa? — Fitou-me através das lentes bifocais embaciadas. — Que imprensa?

— Chefe Vickery, sou Camille Preaker, do *Daily Post* em Chicago.

— Chicago? Porque é que veio de Chicago até cá?

— Gostava de falar consigo acerca das meninas... Natalie Keene e a miúda que foi assassinada no ano passado.

— Santo Deus! Como é que souberam disso em Chicago? Deus do céu!

Ele olhou para a rececionista e depois novamente para mim, como se estivéssemos conluiadas. Depois, fez-me sinal para que o seguisse.

— Não passes chamadas, Ruth.

A rececionista revirou os olhos.

Bill Vickery seguiu à minha frente, ao longo de um corredor forrado com painéis de madeira decorados com fotografias de trutas e cavalos em molduras baratas, até chegar ao seu gabinete, que não tinha janela e que, na verdade, não passava de um cubículo minúsculo forrado com armários de arquivo metálicos. Sentou-se e acendeu um cigarro. Não me ofereceu um.

— Não quero que isto se saiba, menina. Não tenho intenção de deixar que isto venha a público.

— Receio que não tenha grande escolha, chefe Vickery. As crianças estão a ser escolhidas como alvo. As pessoas precisam de saber disso. — Era a deixa que eu tinha vindo a ensaiar durante a viagem. Uma forma de culpar os deuses.

— O que é que isso lhe importa? As crianças não são suas, são crianças de Wind Gap. — Ele pôs-se em pé, voltou a sentar-se, arrumou uns quantos papéis. — Acho que posso dizer com alguma segurança que Chicago nunca antes se importou com as crianças de Wind Gap. — A voz dele foi-se abaixo no final. Vickery deu uma passa no cigarro, fez rodar o cachucho de ouro que tinha no mindinho e pestanejou rapidamente. De repente, fiquei com medo que ele começasse a chorar.

— Tem razão. É provável que assim seja. Escute, isto não vai ser um artigo sensacionalista. É importante. Se isso faz com que se sinta melhor, eu sou de Wind Gap.

Aí tens, Curry. Estou a tentar.

Ele voltou a olhar para mim. Fitou-me o rosto.

— Como é que se chama?

— Camille Preaker.

— Como é que não a conheço?

— Nunca me meti em sarilhos, senhor — disse, brindando-o com um ligeiro sorriso.

— O nome da sua família é Preaker?

— A minha mãe casou e deixou de usar o nome de solteira há cerca de vinte e cinco anos. Adora e Alan Crellin.

— Ah, esses conheço eu! — Toda a gente os conhecia. O dinheiro não era coisa muito comum em Wind Gap, pelo menos quando se falava de dinheiro a sério. — Mas continuo a não a querer aqui, menina Preaker. Se fizer esse artigo, a partir de agora as pessoas só nos conhecerão... por isso.

— Pode ser que alguma publicidade ajude — aventei. — Tem ajudado noutros casos.

Vickery ficou calado por uns segundos, a olhar para o almoço enfiado num saco de papel amarfanhado ao canto da secretária. Cheirava a mortadela. Murmurou qualquer coisa sobre o caso JonBenét e tretas do género.

— Não, obrigado, menina Preaker. E não tenho comentários a fazer. Não tenho comentários acerca das investigações em curso. Pode citar-me.

— Escute, tenho o direito de estar aqui. Vamos facilitar as coisas. Dê-me alguma informação. Qualquer coisa. Assim, vou ficar longe de si durante uns tempos. Não quero dificultar ainda mais o seu trabalho, mas preciso de fazer o meu. — Era outra pequena tirada que idealizara algures perto de St. Louis.

Saí da esquadra com a fotocópia de um mapa de Wind Gap, onde o chefe da polícia desenhara um minúsculo X no local onde o corpo da rapariga assassinada tinha sido encontrado no ano anterior.

Ann Nash, de nove anos, foi encontrada a 27 de agosto em Falls Creek, um canal turbulento e ruidoso que corria pelo meio de North Woods. Desde o anoitecer do dia 26, quando desaparecera, uma equipa de buscas tinha passado a floresta a pente fino. Mas foram os caçadores que deram com ela pouco depois das cinco da manhã. Tinha sido estrangulada perto da meia-noite com uma simples corda de estendal, enrolada duas vezes à volta do pescoço. Depois, tinham-na lançado ao riacho, que estava baixo devido à longa seca estival. A corda ficara presa numa pedra enorme e ela tinha passado a noite mantida à tona pela corrente vagarosa. O enterro teve de ser feito com o caixão fechado. Foi tudo o que Vickery me disse e, para conseguir isso, passei uma hora a fazer-lhe perguntas.

Num telefone público que havia na biblioteca, marquei o número que vinha no cartaz que dizia «Desaparecida». Uma voz de mulher mais velha identificou-o como sendo a linha direta Natalie Keene, mas eu conseguia ouvir ao fundo uma máquina de lavar louça a trabalhar. A mulher informou-me

de que, tanto quanto sabia, as buscas prosseguiam em North Woods. Quem quisesse ajudar devia apresentar-se na principal estrada de acesso e levar a sua própria água. Eram esperadas temperaturas recorde.

No local da busca, havia quatro raparigas louras sentadas muito direitas numa toalha de piquenique estendida ao sol. Apontaram para um dos trilhos e disseram-me para caminhar até encontrar o grupo.

— O que está a fazer aqui? — perguntou a mais bonita. O seu rosto corado era redondo como o de uma menina acabada de entrar na adolescência e tinha o cabelo preso com fitas, mas os seios, que espetava para fora com orgulho, eram os de uma mulher adulta. Uma mulher adulta cheia de sorte. Sorriu como se me conhecesse, o que era impossível pois ainda nem devia andar na escola da última vez que eu estivera em Wind Gap. Mas a sua cara não me era estranha. Talvez fosse filha de uma das minhas antigas colegas de escola. A idade estava certa se alguém tivesse engravidado logo depois de sair do liceu. O que não era improvável.

— Só estou aqui para ajudar — disse.

— Certo — replicou ela com um sorriso afetado. Depois, ignorou-me, concentrando-se na tarefa de remover o verniz da unha do pé.

Afastei-me, fazendo estalar a gravilha quente, e avancei para dentro da floresta, que parecia estar ainda mais quente. O ar era húmido como na selva. Arbustos de virga-áurea e sumagre roçavam-me os tornozelos e havia sementes de álamo branco a flutuar por todo o lado, entrando-me para a boca e colando-se aos meus braços. De repente, lembrei-me de que, quando era miúda, dizíamos que eram vestidos de fada.

Ouvia pessoas ao longe a chamar por Natalie, com as três sílabas a subirem e a descerem como uma canção. Mais dez

minutos de caminhada dura e avistei-as: cerca de meia centena a deslocar-se em longas filas, a vasculhar o mato à sua frente com paus.

— Olá! Há novidades? — gritou um homem com uma grande barriga de cerveja, que estava mais próximo de mim. Saí do trilho e abri caminho por entre as árvores até chegar ao pé dele.

— Posso ajudar? — Ainda não estava pronta para sacar o meu caderno de apontamentos.

— Pode caminhar ao meu lado — disse ele. — Dá sempre jeito ter mais uma pessoa. Ficamos com menos terreno para cobrir. — Avançámos em silêncio durante alguns minutos, com o meu parceiro a parar de vez em quando para limpar a garganta com uma tosse cavernosa e com catarro.

— Às vezes, penso que devíamos simplesmente deitar fogo a esta floresta — disse ele abruptamente. — Parece que nunca acontece aqui nada de bom. É amiga dos Keene?

— Na verdade, sou repórter. *Chicago Daily Post*.

— Hummm... Quem diria! Está a escrever sobre isto?

Um grito repentino ecoou entre as árvores, o grito de uma menina:

— Natalie!

As minhas mãos começaram a transpirar enquanto corríamos para o sítio de onde viera a voz. Vi silhuetas a tropeçar na nossa direção. Uma adolescente com cabelo louro quase branco passou por nós no trilho, corada e transtornada. Tropeçava como um bêbedo frenético, a berrar aos céus o nome de Natalie. Um homem mais velho, talvez o pai, alcançou-a, tomou-a nos braços e começou a levá-la para fora da floresta.

— Encontraram-na? — perguntou o meu amigo.

Todos abanaram a cabeça em simultâneo.

— Creio que se assustou, só isso — disse outro homem. — Foi demasiado para ela. As meninas não deviam andar por aqui, pelo menos no pé em que as coisas estão. — O homem fitou-me sem reservas, tirou o boné de baseball para limpar a testa e depois recomeçou a bater o mato.

— Trabalho triste — disse o meu parceiro. — Tempos tristes. — Avançámos lentamente. Afastei uma lata de cerveja ferrugenta com um pontapé. Depois outra. Um pássaro passou a voar à altura dos olhos e depois subiu disparado para as copas das árvores. Um gafanhoto pousou de repente no meu pulso. Magia sinistra.

— Importa-se que lhe pergunte o que pensa de tudo isto? — perguntei, brandindo o caderno de apontamentos.

— Não me parece que lhe possa dizer grande coisa.

— Apenas o que pensa. Duas raparigas numa cidade pequena...

— Bem, ninguém sabe se os casos estão relacionados, certo? A menos que saiba alguma coisa que eu não sei. Temos razões para acreditar que Natalie pode aparecer sã e salva. Ainda nem dois dias passaram...

— Há alguma teoria sobre Ann? — indaguei.

— Deve ter sido obra de algum doido varrido. Um tipo qualquer que passou por aqui, esqueceu-se de tomar os comprimidos e começou a ouvir vozes. Qualquer coisa desse estilo.

— Porque diz isso?

Ele parou, tirou um pacote de tabaco para mascar do bolso de trás e enfiou uma boa porção entre os dentes até conseguir cortar um bocadinho. O interior da minha boca começou a formigar, por solidariedade.

— Por que outro motivo havia de arrancar os dentes a uma menina morta?

— Ele tirou-lhe os dentes?

— Todos, menos a parte de trás de um molar de leite.

Após outra hora sem resultados e com pouquíssima informação, deixei o meu parceiro, Ronald Kamens («se quiser, escreva também a inicial do meu nome do meio: J») e caminhei para sul, em direção ao local onde o corpo de Ann tinha sido encontrado no ano anterior. Levei quinze minutos até deixar de ouvir o nome de Natalie. Mais dez minutos e já ouvia o choro nítido da água em Falls Creek.

Devia ser difícil carregar uma criança através daquela floresta, com ramos e folhas a tapar o caminho e raízes a sair do solo. E se Ann era uma verdadeira filha de Wind Gap, cidade que exige a máxima feminilidade ao seu sexo mais fraco, então devia usar o cabelo comprido e solto. Ora, este ter-se-ia emaranhado nos arbustos. E eu estava sempre a confundir teias de aranha com fios de cabelo cintilantes.

A relva ainda estava acachapada no ponto onde o corpo tinha sido descoberto, esquadrinhada à procura de pistas. Havia algumas beatas de cigarro recentes deixadas por gente curiosa. Crianças entediadas que se assustavam umas às outras com visões de um louco que deixava um rasto de dentes ensanguentados.

No riacho, tinha havido uma fiada de pedras onde a corda à volta do pescoço de Ann ficara presa, deixando-a amarrada e a flutuar ao sabor da corrente, como os condenados, durante metade da noite. Agora, havia apenas água a correr mansamente sobre a areia. O senhor Ronald J. Kamens contara-me com orgulho que as gentes da cidade tinham levantado as pedras, depositando-as na caixa aberta de uma camioneta, para depois as britar às portas da cidade. Era um

gesto de fé comovente, como se tal destruição pudesse impedir futuros males. Aparentemente, não tinha funcionado.

Sentei-me à beira do riacho, passando as palmas das mãos pelo solo rochoso. Agarrei numa pedra lisa e quente e encostei-a à minha face. Perguntei-me se Ann teria ido ali alguma vez quando era viva. Talvez a nova geração de crianças de Wind Gap tivesse descoberto formas mais interessantes de passar o verão. Quando eu era miúda, nadávamos num local mais a jusante, onde enormes plataformas rochosas formavam piscinas pouco profundas. Os lagostins passavam perto dos nossos pés e nós saltávamos para os apanhar, gritando quando conseguíamos efetivamente tocar em algum. Ninguém usava fato de banho, isso requeria demasiado planeamento, por isso, íamos de bicicleta para casa com os calções e as blusas encharcados, a abanar as cabeças como cães molhados.

De vez em quando, apareciam rapazes mais velhos equipados com espingardas de caça e cerveja roubada, atrás de esquilos voadores ou lebres. Dos seus cintos pendiam peças de carne ensanguentada. Esses miúdos arrogantes, irritados e a cheirar a suor, perfeitamente alheados da nossa existência, sempre me atraíram. Sei agora que há diferentes tipos de caça. O caçador cavalheiro, associado às imagens de Teddy Roosevelt e à caça grossa, que termina um dia de caçada com um gim tónico, não é o tipo de caçador com que cresci. Os rapazes que eu conhecia, e que começaram jovens, eram caçadores sanguínários. Procuravam aquele esticão fatal de um animal atingido a tiro, a fugir lesto como água num segundo e logo a seguir derrubado pela sua bala.

Quando eu ainda andava no segundo ciclo, talvez com os meus doze anos, entrei na cabana de caça de um rapaz meu vizinho, um barracão de madeira onde os animais eram esfolados e esquartejados. Tiras de carne rosada e húmida

penduradas em cordas, à espera de secar. O chão de terra batida estava impregnado de sangue. As paredes estavam cobertas de fotografias de mulheres nuas. Algumas das raparigas tinham as pernas abertas, outras estavam a ser agarradas e penetradas. Havia uma mulher amarrada, de olhos vítreos, seios retesados e cheios de veias como bagos de uva, enquanto um homem a possuía por trás. Conseguiu sentir o cheiro de todos eles no ar pesado e sórdido.

Nessa noite, em casa, enfiei um dedo por baixo das cuecas e masturbei-me pela primeira vez, arquejante e nauseada.